

A REDEMPCÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor+chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 RÉIS

ANNO I	REDAÇÃO LARGO 7 DE SETEMBRO Propriedade de uma Associação	S. Paulo, 16 de Outubro de 1887	ASSIGNATURAS CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs. Pagamento adiantado	N. 80
--------	---	---------------------------------	--	-------

EXPEDIENTE

E' nosso agente em Itatiaia o sr. Amelio Braga.

Aos srs. assignantes

Mais uma vez pedimos aos nossos estimaveis assignantes que se acham em divida para com esta administração, a fineza de mandarem satisfazer a importancia dos seus debitos.

Os srs. assignantes que nos enviarem a importancia de suas assignaturas poderão deduzir o importe do correio.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOL, typographia UNIAO.

A REDEMPCÃO

S. PAULO, 16 DE OUTUBRO DE 1887.

A chefia de policia e o povo

E' por amor da liberdade individual e da independencia do poder judiciario, dizia José Bonifacio o ano passado, que se praticam impunemente todos estes attentados e dando remate á obra da força bruta, continúa honrado pela confiança do governo o depositario infiel, que não respeita a lei.

E' para confirmar tudo o quanto o immortal orador predisse do futuro politico do ministerio e da nação, que o dr. Ferreira Lima continúa ainda na chefia de policia, como figura apropriada do governo da escravidão e da escravidão de todos os outros poderes constitucionaes, sobresahindo na escala progressiva do

escarneo e zombaria como victima predilecta do poder judiciario.

As palavras com que o saudoso paulista verberava o cerco do Tribunal da Relação de Goyaz, constituem uma inspiração para estudarmos presentemente a marcha da policia de S. Paulo, depois do assedio organizado á entrada do Tribunal da Relação em 27 de Setembro, e da emboscada armada á sahida do povo inerme, saudando a justiça triumphante da iniquidade.

E' ainda por amor da liberdade individual, que o sr. dr. Ferreira Lima continúa como chefe de policia, depois de ter consentido impassivel no espancamento popular do dia 27 de Setembro e na soltura de criminosos ordenada pelo subdelegado Nogueira, chefe da malta dos secretos da desordem, com que se quer crear na capital de S. Paulo a capoeiragem official, que constitue o padrão de gloria do chefe de policia da Corte.

Coelho Bastos e Ferreira Lima serão as duas celebridades mais notaveis da cadeia de crimes contra a liberdade e blandicias para a escravidão.

São ambos magistrados e na constante denegação de justiça e culto á crueldade deixaram escripta, com as pentas das unhas aguçadas na péga de escravos, a inhabilitação moral para serem juizes de uma nação livre, depois de se terem tornado eternos condemnados da liberdade e do direito.

Se o sr. dr. Ferreira Lima continúa a ser chefe de policia para garantir a liberdade individual pelo emprego da força bruta, como meio de effectuar prisões illegaes, aterrando o povo, não é com menos cynismo que o governo o cerca de confiança, para tornal-o uma garantia da independencia do poder judiciario, pela annullação de suas decisões.

Antes, quer depois do dia 27 de Setembro, que o sr. dr. Ferreira Lima se despersonou a policia criminosamente desfachada, nas vespéras da data gloriosa, que registra para a princeza um anniversario jubiloso, a administração do sr. dr. Ferreira Lima distingue-se pelo desrespeito á lei honrada com a confiança do governo.

O decreto n. 4129 de 28 de Março de 1868, dá o theor seguinte, ao artigo 23: «Os tabelliães e escriptães não lavraram escripturas de contractos nem extrahirão cartas de arrematação, adjudicação, formal de partilhas e quaesquer outros titulos concernentes a escravos sujeitos á matriculas, e as autoridades policiaes e criminaes, não darão passaportes, guias de mudança, ou ordens de soltura para os mesmos, sem que conste que estão matriculados e delles se não deva taxa.»

O decreto n. 4835 de 1.º de Dezembro de 1871 artigo 45 reproduzio a disposi-

ção invocada, que rec-bu ainda nova repetição, no artigo 93 do decreto n. 5135 de 13 de Novembro de 1872 e em ambos o preceito prohibitivo é mais energico, porque nelles se diz que nenhum inventaria ou partilha entre herdeiros ou socios, que comprehendam escravos e nenhum litigio, que versar sobre o dominio ou posse de escravos, será admitto em juizo se não for logo exhibido o documento da matricula.

No artigo 32 do decreto n. 7539 de 15 de Novembro de 1879, expressamente se prohibe ás autoridades policiaes e criminaes, concederem ordens de soltura, requeridas pelos proprietarios de escravos sem que conste que se acham matriculados e delles não se deve taxa.

No artigo 31 veda terminantemente o ingresso em juizo, sobre questões relativas a escravo sem que se mostre estar o mesmo matriculado, e delle não se deve taxa.

A legislação e regulamento citados não estão revogados!

O decreto já mencionado de 1.º de Dezembro de 1871 no artigo 10 prorogava o prazo de um anno para a matricula em igual tempo.

A lei n. 3270 de 28 de Setembro de 1885 no artigo 1.º § 6.º declara o prazo prorogavel, e o regulamento de 14 de Novembro de 1885 diz no artigo 7.º:

«Terminado o prazo do artigo 1.º serão considerados libertos e gozarão desde logo da liberdade, os escravos que não tiverem sido dados á matricula ou arrolamento independente de qualquer formalidade.»

Preceituando para os sexagenarios o mesmo regulamento no artigo 11 declara isemptos da prestação de serviços até 65 annos, os que não forem arrolados, de accordo com o supra citado.

No § 2.º determina que os que completarem 60 annos de idade, e não tiverem o arrolamento da matricula, sejam arrolados em cada trimestre, que for lreccorrendo, sob idéntica pena para o senhor e direito para a liberdade.

Temos a lei, é a linguagem dos escravocratas.

E' tambem em nome da lei, que censuramos o procedimento do sr. dr. chefe de policia, mandando agarrar homes pretos e mulatos, e entregal-os á pirataria, que escravisava o cidadão brasileiro, dispensando a exhibição de matricula, titulo de dominio e certificado de pagamento de taxa.

Favor illegal, que excitou a energia do Superior Tribunal da Relação e concorreu para fundamentar o voto de soltura concedido aos abolicionistas de Caçapava!

Abolida a pena de açoites, o legislador quiz proteger a liberdade e a vida dos

representantes da desgraça e da miseria, em contraste com a felicidade e abundancia, dos grandes patriotas brasileiros e modelos de benemeritos da humanidade.

Qualificando o delicto de acoutamento, diz o regulamento no artigo 15:

«Incorre no crime do artigo 260 do código penal aquelle:

a) que receber em casa, estabelecimento, serviço ou obra, ou occultar escravo alheio, sabendo que é, si dentro de 15 dias depois de recebido não manifestar ao Juiz de Paz do districto ou Inspector de quartelirão;

b) que conservar na casa, estabelecimento, serviço ou obra, ou occultar escravo alheio, sabendo que é, si dentro de 15 dias depois de recebido não manifestar ao Juiz de Paz do districto ou Inspector de quartelirão;

«Paraphrasis unico. Aquelle que receber escravo maltratado por castigos exagerados ou foragido por temor de ameaças graves, devera apresental-o, no prazo mais breve possível, á auctoridade mais proxima, para proceder como for de direito.»

O senador Antonio Prado, no regulamento invocado não garantio somente a propriedade, prestou tambem um culto sincero á liberdade e deo á sociedade o direito não só de curar as feridas dos martyres, mas de apontar os assassinos á justiça.

E' em o actual chefe de policia cumprido a lei?

Negativamente respondem a toda a hora esses infelizes pretos e mulatos, cuja condição escrava só se podia verificar pelo titulo de dominio e matricula, a gemados e entregues á flagellação dos açougues humanos, sem garantias, nem protecção.

E se a policia desfardada quiz no dia 27 de Setembro, realisar a carnificina da cidade, em honra dos assassinos dos libertos, no dia 27 de Setembro, s. exc. não tem direito á consideração publica, enquanto não for d-mittida a auctoridade, que e um escarneo atirado ao Superior Tribunal da Relação e aos brios megoados do intrapido povo paulista, victorioso na desordem policial do dia 27 de Setembro.

Os abolicionistas não temem arrufos nem insidias.

A sua maior garantia repousa na paz de cada um dos escravocratas.

Os tempos estão mudados.

A escravidão apoiada pelo liberalismo achavaseido só poderia ter uma punição consoante — a apothose do crime em nome da ordem, enquanto os conservadores progredindo pregam as ideias de José Bonifacio, pedindo a liberdade para haver a ordem, que não é a oppressão o arbitrio, mas a harmonia das forças sociais.

Miserias da situação

A carta que abaixo publicamos e que fóra enviada ao sr. dr. Joaquim Nabuco e publicada no O Paiz de 12 do corrente, attesta á evidencia o lamentavel estado a que chegamos.

A miseranda e horripilante scena que se vae saborear tem como protagonistas dons moustros carnivoros.

Eis a carta:

«Santa Maria Magdalena, 8 de Outubro de 1887.—Narra-se, não se commenta:

«Depois que a policia, á indicação do promotor que nos veio de encomenda, archivou o corpo de delicto das sevicias praticadas por D. Ingota em sua escrava, escandaloso o O Paiz divulgou em artigos de Julho sob o titulo «Um nome da lei», outros factos semelhantes se seguiram, abafados pela policia e promotor.

«O mais hediondo dos crimes vem agora coroar a obra das iniquidades! Sejamnos explicitos:

«A 26 de Setembro abriu-se o jury. Foram julgados tres escravos de José Gonçalves, accusados de ferimentos no feitor. Foram condemnados. A 27 entrou em julgamento o feitor da fazenda da Arrochella, accusado de ter matado a tiro de garrucha um escravo. Que fóra absolvido unanimemente, é superfluo dizel-o. Pois bem: fez parte do conselho o Dr. Davino F. de Carvalho e Silva, medico e fazendeiro. O Dr. Davino, ao voltar do jury, manda amarrar e cruelmente vergalhar a quatro libertos obrigados a um anno de serviço a seu sogro, e destes quatro viu fallecerem tres, victimas do vergalho e do tronco. O quarto, hontem (7), estava em perigo de vida, logo que se apresentasse.»

«Corria nesta villa o boato deste facto monstruoso, mas a policia não se mexia, até que dous escravos do mesmo Dr. Davino, obrigados pelo terror, fugido da fazenda, apresentaram-se nesta villa a nararem o facto como testemunhas oculares. A policia não pôde fechar mais os olhos, e para lá partiu, tendo remetido hontem os dous feitores algemados, os quaes, á mandado e com a assistência do proprio Dr. Davino, tão brutalmente maltrataram quatro homens livres. Mas o Dr. Davino, o mandante, fez hontem annos de jantar e brodio, a que assistiram a policia e o promotor, — e agora ajuntou-se a cousa...»

«E' preciso que se saiba: ha accordo geral entre os fazendeiros negreiros de fazerem justiça por suas mãos e subtrahirem-se aos tribunales pelo auxilio e mutua protecção. Temos certeza que

do, para fazer a experiencia. Organizou-se pois a montaria para esta especie de animal feroz, caçada que muitos homens preferem á de outros animais, e de que eu mesmo fiz parte, não tanto como curioso, que como mediameiro, no caso que se fizesse a préza.

Os cães ladravam e uivavam, nós corriamos, e exploravamos os bosques, até que emfim a fera sahio do seu covil, deitando a correr, e a saltar por montes e valles, como uma cabra montez, sem que a podessemos alcançar; mas, havendo-se introduzido n'um espesso canavial, aonde os cães o perseguiram, e d'onde não era facil sahir, defende-se então como um verdadeiro leão! Agarrava os cães pelo pescoco, e lançava-os á direita e á esquerda, havendo-se já assim desembaraçado d'uns poucos, quando um tiro veio leital-o por terra, banhado em sangue e todo lacerado, quasi aos meus pés. O pobre diabo levantou sobre mim seus olhos, aonde se lia a coragem e a desesperação.

Fiz arredar os cães e os homens, que queriam lançar-se sobre elle, e reclamei-o como meu prisioneiro. Custou-me muito obter d'elles essa concessão, porque, no enthusiasmo da sua victoria, queriam acabar de o matar. Fiz lembrar á Alfredo as nossas convenções, ordenando elle que o trouxessem para casa com todo o cuidado, e que m'o entregassem. Quinze dias depois o meu leão Africano estava domesticado, tão docil como se poderia desejar!

— Pelo amor de Deus, explica-nos como é que fizestes para isso? diz Maria.

(Continúa.)

FOLHETIM (79)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XVIII

Experiencias e opiniões de Miss Ophélie.

Não tenho nada a responder-lhe; porque a sua vida é o resultado logico das suas opiniões, no emtanto que a minha é uma despresivel inconsequencia!

— E pode, meu caro primo, viver satisfeito assim?

— Satisfeito! Não acabo de dizer-lhe que desprezo o meu modo de viver? Mas para tornar ao nosso objecto, á questão da liberdade dos escravos; não julgo que a minha opinião a esse respeito seja unica entre os senhores do paiz. Conheço muitos que, no fundo de seu coração, pensam como eu. O paiz geme debaixo do peso d'esta iniquidade, e por terriveis que sejam as suas consequências para o escravo, ainda o são mais para o senhor. Não se precisa d'olhos para vêr que os vícios, o desleixo, a preguiça, e o aviltamento de toda uma classe da nossa população nos são tão funestos como a ella. O aristocrata, o proprietario, o rico d'Inglaterra (e d'outros paizes) não podem sentir isso como nós, porque não estão n'um contacto tão immediato, como nós, com a classe que elles degradam. Os nossos escravos vivem em nossas

casas, são os companheiros de nossos filhos, exercem sobre elles uma influencia antes que nós possamos estabelecer a nossa, porque as crianças afluem-se-lhes naturalmente. Se Eva não tivesse uma natureza angelica como tem, ha muito que estaria pervertida. E' tão sensato dizerem-nos que podemos deixar nossos filhos em contacto com os que forem atacados de bexigas, persuadindo-nos que tal doença não é contagiosa, como pretender que elles vivam sempre na companhia d'escravos, sem contrahirem os seus vícios! E todavia, as nossas leis não permitem que os escravos recebam uma educação propria a extirpar taes vícios. Têm razão; porque no momento em que essa classe for instruida, cale por terra a instituição!

— Como lhe parece que acabará tudo isto? — pergunta Miss Ophélie.

— Não sei; mas é indubitavel que existe sobre toda a face do globo uma certa agitação entre as massas, que faz temer um — Dies iræ — terrível! Minha mãe fallava-me muitas vezes d'um porvir, em que o Christo reinaria, e em que todos os homens seriam livres e felizes, e que era esse o sentido d'essas palavras da oração dominical. — Venha a nós o vosso reino (1)! Penso por vezes que esse movimento, essa agitação, esses gemidos, esses suspiros entre os desgraçados (2) denotam que estão proximos os tempos do reinado divino!

(1) Léa-se nos últimos capitulos do Apocalypse (Novo Testamento) a descripção prophética desse glorioso porvir.

(2) Allusão ao capitulo xxxvii do Livro do Propheta Ezechiel, uma das mais interessantes paginas da Biblia!

— Agostinho, sois digno de viver n'esse reinado — exclamou Miss Ophélie, pondo de parte a má, e fixando sobre seu primo um olhar sério e preocupado.

— Agradeço-lhe a sua boa opinião; mas é necessario não esquecer, que eu estou tanto em cima como em baixo, tão elevado como as portas do céu, em theoria; tão rasteiro como o pó da terra, quando se trata da prática. Mas parece-me que ouço chamar para o chá! Vamos a elle, e não diga mais que eu não sou capaz de fallar sério uma vez em minha vida!

Durante o chá, Maria fez allusão á historia de Prue.

— Vae pensar, minha prima, diz ella, que somos todos verdadeiros barbaros.

— Acho com effecto um acto bem barbaro esse; mas nem por isso os julgo a todos barbaros, responde Miss Ophélie.

— Que quer, prosequiu Maria, se ha d'essas creaturas que são verdadeiramente insupportaveis! Sua maldade é tal, que não merecem viver, e não tenho a menor compaixão de semelhantes miseraveis! Se se conduzissem bem, não lhes aconteceria isso.

— Mas, mamã, diz Eva, essa pobre mulher era demasiado infeliz, e é por isso que ella se entregou á bebida.

— Não sabes o que dizes! pois um vicio semelhante pôde ter desculpa? Tambem eu sou infeliz, ajunta Maria, com um ar interessante, e tenho passado, Deus o sabe! por maiores provas que as d'ella, e nem por isso me embebedei. Era só a sua viciosa natureza que a isso a levava, e não ha severidade que possa corrigir eutes tão vis! Meu pai possuia um escravo tão preguiçoso, que fugia de

casa só para não trabalhar; escondia-se nos pantanos visinhos, roubando e fazendo toda a qualidade de cousas horriveis. Esse miseravel foi apanhado e açoitado um conto de vezes, sem que podessem corrigil-o. A final, quasi moribundo, arrostou-se ainda até aos pantanos, aonde foi morrer. Não tinha realmente motivo algum de obrar assim, porque os escravos de meu pae eram sempre bem tratados!

— Aqui estou eu, diz Saint-Clair, que domei uma vez um maganão d'escravo, que nenhum senhor tinha podido domesticar.

— Tu, Saint-Clair! exclama Maria, seria cousa bem curiosa, da tua parte!

— Era um preto gigantesco, nascido sobre o sólo Africano, possuindo no mais alto gráo o instincto selvagem da liberdade, um verdadeiro leão das plagas Africanas.

Chamava-se Scipião. Todos os vergalhos dos senhores de roças, dos administradores d'engenhos por cujas mãos havia passado não tinham podido fazer nada d'elle, até ao momento em que Alfredo o comprou, julgando ter mais habilidade que seus precedentes senhores. Mas pouco tardou que o meu touro selvagem não matasse um dos guardas de Alfredo com uma terrivel marrada, fugindo depois para os bosques.

Achava-me então de visita em casa de meu irmão, e presenciando a sua contrariiedade pela fuga do escravo, disse-lhe francamente que a culpa era d'elle, e que apostava ser eu capaz de o domesticar, se o apanhassem. Meu irmão accitou a aposta, convindo de me abandonar o escravo logo que elle fosse apanha-

Davino escapará á acção da Justiça...
 Ante hontem (6), ás 7 horas da tarde, a 10 passos do quartel de policia, na rua mais publica da villa, foi espancado o negociante Jonas por um dos vadios que a policia protege, por nome Gomes.
 A policia fechou os olhos e o aggressor, cujo pai é inspector, passeia impunemente.
 «Nesta terra ninguem se julga seguro, estamos sob um panico geral... Para quem appellar?... Estas linhas são traçadas sob um grande receio...»

O tra informação recbida, que depois se prestada por pessoa acima de to...
 «O assassinato de escravos em Santa Maria Magdalena—O Dr. Davino, fazendeiro em Santa Maria Magdalena, mandou castigar pelo feitor de sua fazenda a quatro escravos, a cujo castigo assistiu, e quando o feitor reclamava que já eram estes sufficientes, o Dr. Davino, que é medico, tomava o pulso dos infelizes e manda a continuar os castigos.
 «Tudo deitos escravos falleceram em consequencia desta barbaridade, e o feitor foi levado ao cativeiro das autoridades, que chegaram á fazenda, e enforcado já tres dos escravos castigados mortos em consequencia dos castigos e sepultados; fizeram exumação dos corpos e o quarto escravo falleceu ainda na presença das autoridades.»

Revoluções jornalísticas

Ultimamente os jornaes de S. Paulo promovem uma lucta entre si, que tem sido um regalo para nós que, sendo excepção do jornalismo, vivemos quasi como isolados de nossos collegas.
 A verdade é que o facto de uns jornalistas fallarem dos outros, não serve de reclame para augmentar a circulação dos que são mais fallados. E a prova é que—havendo um silencio proposital da parte de todos os jornaes desta capital sobre a nossa existencia, a nossa folha é comtudo a que tem maior circulação na provincia.
 Aproveitamos o ensejo para, de palanque, assistirmos á lucta desses gladiadores.
 A Provincia lucta com o *Correio*; este lucta com a *Provincia* e o *Diario Mercantil* e o *de Noticias* ajudam o *Correio* a dar cutucadas na *Provincia*. ANTHONIO ALEGRE, da *Gazeta do Povo*, faz intriga entre os politicos, descobrindo a *Provincia* e o *Diario Mercantil* ataca ao dr. Jorge de Miranda e o desafia a que prove que o collegio *Culto á Sciencia* não fede.. O *Diario Popular*, mais acatulado que os outros, de vez em quando dá um espirro, porque o seu redactor fez promessa de guardar silencio em todas as questões, deixando o Aristides Lobo esperar sósinho na primeira columna da sua folha, a discurtir com almas do outro mundo.
 O padre Senna Freitas, armado de um vergalho, descadeira uma «religiosa besta», sem dó nem compaixão.
 Enquanto todos estes factos se passam nesta capital, um jornal que só é conhecido por um páu de cebo que tem, fundado em uma das janellas de seu escriptorio... só escreve sandices, tornando-o e o palhaço do grande circo de cavallinhos jornalísticos.
 Nós aproveitamos o ensejo para nos lebrucar no parapeito do palanque e rirmo-nos de todos elles, que cheios de si e de seus artigos, não enchemam que a *Redempção* é a primeira folha que cahiu no góto do povo.

Morte de escravocrata

Entendem muitos jornaes e assim muitas pessoas que morrendo qualquer titular é forçoso rodear o seu nome de virtudes que não possui, e querer forjar uma memoria que si existe só poderá estar no espirito dos parentes, enquanto liquidam a herança.
 Todos sabem que os titulos honoríficos desde que não cáiam nas pessoas de militares, magistrados e escriptores, todos essencialmente pobres, não são mais do que enfeites comprados no mercado da politica e da pouca vergonha.
 Não é raro verem-se individuos analfabetos que formaram fortuna na velhacaria e no jogo e outros em casa melos com vivas velhas e ricas—a carregar titulos de que elles mesmos são os primeiros a não comprehendem a significação.
 Morre um individuo destes, que nada fez na vida pela humanidade e que conservou como escravos seus uma porção de homens livres... e lá vêm os jornaes a fazer elogios e um outro individuo, arvorando-se em orador,

faz-lhe discursos compostos de chapas incompreensíveis, elevando o defunto á altura de um principio.
 Especificar os actos de caridade que o morto fez quando vivo, quantos escravos libertou... isso é cousa de que elle e os jornaes não se occupam.
 Veio-nos isto á lembrança por termos lido, em um dos jornaes desta capital, um discurso proferido na occasião da missa de setimo dia por alma de um barão.
 O infeliz orador, procurando na vida inteira desse defunto illustre, um acto só de caridade por elle praticado e não o encontrando, limitou-se a proferir palavras vãs como as que se seguem e que guardamos e archivamos para quando fallecer algum Marquez, barão, frade ou... aqui de S Paulo:
 «Freme e agita-se na floresta a folhagem, no centro dessas grandezas da Natureza, perto de caudalosos rios cujas aguas espumantes e iriadas se vão rolando, junto de cachoeiras imponentes e esplendidas como maravilhas do Céu, na beira de abysmos medonhos, insondaveis, no meio de mil formosuras, onde o vigor, a força, a exuberancia sobejam, pequeno passaro na orla da ramagem, vendo morto o filho, então ao Pae do Universo—um hymno sentido de saudades, cortado de censuras, combatido por commove-dores lamentos!»
 Também ahí no recesso dos esplendores, dos deslumbramentos com que o Poder Infinito se ostenta Magestoso ha dôres—ha lagrimas.
 Tudo soffre, tudo acaba depois de haver vivido, tudo se anniquilla neste mundo!!
 O omnipotente—o Senhor dos Mundos—assim o quer! Deus, entretanto, é Clemente, é Misericordioso», etc. etc. etc.
 O orador parece que se chama o sr. *Requiescat in pace.*

Festa de Santa Thereza

Fomos hontem assistir á festa de St. Thereza Protectora Mystica da igreja e reformadora da Ordem Carmilitana. A igreja estava adornada com muito luxo.
 Esteve presente s. exc. revmda, que fez meio circulo.
 Précou ao Evangelho o revdm, conego...
 Tudo esteve muito bom, nenos a musica.
 Batiam o compasso excessivamente alto e parece que isso atrapalhava as pobres cantoras de tal fórma, que em vez da musica encantar e extasiar os devotos irritava-os.
 Em vez de organ devia ali ter um bom harmonium. O organ é instrumento muito difficil.
 Ha naquelle recolhimento vozes excellentes, mas precisa ter ali uma boa professora para educal-as.
 Também notamos a ausencia na igreja, das alumnas da escola que sustenta aquelle recolhimento.
 Ha muitos annos que não assistimos festas religiosas nesta capital; de sorte que talvez devido á nossa idade, achamos tudo diferente de outros tempos e em completa decadencia.
 O canto-chão está desaparecendo completamente das nossas ceremonias religiosas, especialmente na Cathedral.
 Daqui a cem annos, tudo isto não existirá mais, só restará a lembrança.

Liberdades condicionaes

Continuam os jornaes, com diversos titulos, a noticiar o movimento emancipador que se opera pela provincia.
 De vez em quando obriga-se aqui e alli alguma liberdade sem condição.
 Nós, adeptos da liberdade immediata, sem condições, sem nenhuma indemnisação, temos de proposito guardado o mais completo silencio sobre esse movimento que o *Diario Popular* noticia como *aboliconista*, o *Correio Paulistano* como *libertador*, a *Provincia* como *emancipador* e a *Gazeta do Povo* como *manumissoes*.
 Será tudo quanto quiserem os collegas; mas não é o que queremos nós.
 Estabelecido o principio de que a escravidão é um roubo, tudo que não fór liberdade immediata para nós não tem importancia alguma.
 Não ha dia em que não recebamos cartas do interior communicando que nas fazendas onde os senhores promettem liberdade, continuam os castigos da mesma fórma que antes.
 Os capitães do matto, apoiados pelas autoridades, continuam a exercer a sua industria. Escravos de outras

provincias entram para a nossa sob diversos titulos e as autoridades fornecem força necessaria para escoltarem esses infelizes que são livres, em vista da lei de 28 de Setembro de 1885 e nem se obriga a taes senhores a pagarem o imposto provincial que foi creado como um remedio para a cessação do trafico inter-provincial.
 Nesta capital mesmo, onde o sr. chefe de policia acha inconveniente que os urbanos ajudem os fiscaes da camara a fazerem effectivo o cumprimento das posturas, occupam-se entretanto os mesmos urbanos em prender pretos fugidos... e em vez de levar-os á estação para que a auctoridade verifique si estão legalmente matriculados, si os senhores pagaram os devidos impostos, si têm titulo de dominio, são elles, os escravos, entregues a individuos que ganham, nesta capital, de fazer de suas casas xadrez de pretos fugidos.
 Ainda ha bem poucos dias um negociante portuguez da rua do Commercio encontrou-se com uma pardinha, chamou-dous urbanos e mandou conduzir-a á casa de outro traficante, também vendedor de queijos na mesma rua, e lá cousejavam presa em um quarto a infeliz rapariga, que não pertencia a nenhum desses dous tratantes.
 Taes factos se dão nesta capital, onde estão todas as auctoridades superiores da provincia!

Que se calcule o que não será, o que não se dará em outros logares onde qualquer carneiro, qualquer carroceiro, serve para exercer o cargo de auctoridade!
 Gastam se rios de dinheiro em transportar da Europa trabalhadores para a provincia e as auctoridades consentem que vagabundos e maltrapilhos vivam na mais completa ociosidade a percorrer em chusmas os bairros da cidade, á cata de negros fugidos.
 Não seremos nós que vamos gastar pennas, tinta e papel para noticiar movimento emancipador que não existe.

A relaxação na Cathedral

Não ha peor impureza do que a que se traduz na ingratição.
 A restauração do esplendor, dos actos do culto divino, em decadencia presentemente na cathedral, a Igreja sede do s. episcopio, não pode ser acompanhada de relaxação na disciplina do clero.
 Não ha sentimento evangelico no clero.
 Não ha educação ecclesiastica nos que querem ser mestres.
 O cegoção augustado do virtuoso e sumamente caritativo, D. Lino, acaba de passar por acerbas provações.
 Elle que é a piedade e a misericordia em acção, e que na sua energia, que não lhe falta quando é preciso, mas que é exercida sem ruido, procura corrigir e não vingar-se ou opprimir, deve acreditar hoje na sinceridade, dos que julgam certos padres degenerados e indignos do carinho paternal que os affaga.
 E tempo de acordar as consciencias de certos sacerdotes, cuja circumspecção já não se impõe.
 A luta entre o *Thabor* e o padre Senna Freitas foi medonha, triste e lamentavel.
 Não conhecemos os promotores que a motivaram, mas o illustre padre portuguez emagou o *Thabor*, justificando seus resentimentos na repulsa da acrimonia que o magoou.
 O *Thabor* é a folha que tem affrontado o vigario geral da diocese e ousado dirigir insinuações ao Bispo.
 O *Thabor* é a folha protegida pelos padres do Seminario Epi-copal.
 O padre Senna Freitas não é uma vulgaridade.
 E um sacerdote de merecimentos, na sua predilecção, um vigoroso polemista catholico e como litterato, ninguem lhe pôde negar o devido respeito.
 Não sabemos o que se deu entre elle e o *Thabor*, não conhecemos o assumpto da polemica.
 Mas a um padre desta ordem, ainda que não tivesse uma vez acerto não se atassa-lha, na unica folha religiosa, redigida por sacerdotes.
 Quem é o responsavel pelo tristissimo escandalo, contra o qual reagiu, como devia, o taentoso e labutante padre portuguez?

Se o que animam aquella nefasta redacção, constituindo-a o terror da diocese e o esguicho dos escravos clericaes, Ninguem ignora que os redactores diversos daquelle *Aborto* são os sabios universaes, professores do Seminario Episcopal.
 Ali naquelle realj de descortezias no Augusto Prelado Diocesano, a margura se os dias, durante os quaes o venerando dr. Francisco de Paula Rodrigues, esperava de Roma a revogação da dispensa como padre nato da diocese, para continuar como vigario geral.
 Quando, o exm. bispo quiz reformar o seminario, escolhendo padres nacionaes para seus professores, foi o conego Fran-

cisco de Paula Rodrigues, quem, com o seu talento, prudencia e caridade, de que lhe deram ensino os frades, que foram seus mestres, foi á Roma desempenhar a melindrosa missão de que o encarregou o seu Prelado e amigo.
 Offereceram-lhe honras e elle preferiu passar por provas scientificas, doutorando-se em Theologia, com as brilhantes affirmações de capacidade, de que foram testemunhas Bispos que até hoje presam o quanto elle vale.
 Ah! ingratição sem qualificativos!
 E este benemerito cooperador da reforma do actual seminario, quem não pôde ali reger uma cadeira, pelas disconsiderações que soffria e continua como arce-diago do cabido a evitar um recinto, onde só encontra a guerra do ciume ao raro talento do primeiro orador sagrado brasileiro.

Esta situação não pôde continuar, seria fatal-o de desgostos e o pulpito catholico teria de chorar, como o parlame-to pranteia por José Bonifacio, uma perda irreparavel!
 Mas que coincidência! os homens dis-diactos são os que mais padecem.
 Ainda mesmo que o padre Senna Freitas não tivesse como litterato, agradado ao clero, o que não sabemos, devia a verberação, vir tãõ deprimido, como della se queixa, oriunda de padres?
 Não; ha padres que são padres, e ha outros que não sabem sê-lo.
 A relaxação na cathedral continúa e é preciso descrever os máus elementos que cercam o venerabilissimo Prelado D. Lino. D. Antonio, em uma noite de Natal, fallou a seus filhos, queixando-se de uma desconsideração da sua corte ecclesiastica e morreu estimado pelo povo, embora affastado de certos padres, que não lhe merearam a reputação ainda hoje brilhante.

O art. 5 da Constituição do Imperio autorisa-nos a prosegui-lo.
 Não é pois de admirar o descalabro, o que comprêe lamental-o, profugando a origem.
 O *Thabor* já entrou no periodo das expi-ções.
 Estão quebrados os vidros da lanterna negra.
 Se o Bispo Diocesano quizesse proceder para com certos padres, com a mesma implacabilidade com que o *Thabor* tratou a Senna Freitas, o que seria d'elles?

CIRCULAR.—Inspectoria de Hygiene. S. Paulo, 14 de Setembro de 1887.
 Sr. redactor da *Redempção*
 Sendo de observação scientifica que todo o individuo vacinado, em regra não se queira a molestia contrahir, será ella sempre benigna, a Inspectoria de Hygiene, convicta das virtudes prophylaticas da vaccina, se dirige á v. s., solicitando que se digne fazer inserir, por espaço de 30 dias, no noticiario da sua conceituada folha, o seguinte aviso:

BEXIGAS—VACCINA

A vaccinação é o unico preservativo da variola; vaccina-se, de graça, em todos os dias uteis, das 10 a uma hora da tarde, na Inspectoria de Hygiene, em uma das salas do pavimento terreo do palacio presidencial; convida-se, pois, o publico para comparecer á vaccinação.—O Inspector de Hygiene, Dr. Marcos Arruda.

Liberdade em massa

O *Tatuyense* de 2 do corrente traz a seguinte noticia:
 Com a condição de prestarem serviços até 31 de Dezembro de 1890, foram libertados pelo sr. Manoel Guedes Pinto de Mello todos os seus escravos, a excepção de uma, a de nome Alexandrina que se acha fugida.
 Eis os nomes dos libertados:
 Benedicto, de 56 annos, João Sipó de 51; Dellina, de 51; João Creoulo, de 46; Bento, de 41; Gertrudes de 41; Vicencia, de 40; Simplicio, de 36; João Magro, de 34; André, de 34; Constantino, de 34; Mathias, de 26; Virginia, de 25; Casimiro, de 24; Francellino, de 23; Sabino, de 22; Ramiro, de 21; Justa de 20 e Flora de 20.
 Applaudimos muito, mesmo muito sinceramente o acto generoso do sr. Manoel Guedes e fazemos votos para que encontre imitadores neste municipio que, infelizmente, ainda possui muitos escravizados.

Se o *Tatuyense* fosse um jornal serio e seus directores soubessem comprehender a nobre missão do jornalista, não applaudiriam o procedimento do sr. Manoel Guedes, que o proprio bom senso repelle e condemna.
 Os vinte escravos alforriados pelo sr. Manoel Guedes ha muito que estão livres; e se tea sido conservados em cativeiro é porque as auctoridades de Tatuy têm pactuado com este grave escandalo.
 E' evidente, que tendo, a 3 de Agos-

to de 1884 fallecido a exma. senhora do sr. Manoel Guedes, elle não podia matricular, como seus, taes escravos, sem que, por partilha, lh'os ficassem pertencendo.
 Além disso não consta dos livros da collectoria de Tatuy, o pagamento de impostos desses escravos, segundo nos informam.

Ora, se a lei declara livre o escravo matriculado por pessoa incompetente; se a falta de pagamento de impostos é sufficiente para a liberdade do escravidado, devemos concluir—que Manoel Guedes Pinto de Mello não possui os escravos que libertou.
 A carta de liberdade, agora firmada pelo sr. Manoel Guedes, é um ardil empregado como meio de aquietar a questão, que já está sendo objecto de discussões nas boas rodas, isto é, nas rodas em que os capitães do matto não são admittidos.
 Se em Tatuy houvesse auctoridades cumpridoras de seus deveres, já essa questão teria sido ventilada.
 O que mais nos admira é que a folha local—o *Tatuyense* qualifique de *acto generoso* um attentado á liberdade, um insulto ás leis do paiz!!!
 A imprensa dependente, deshonesta e leviana é uma cousa triste... muito triste.

Barão de Jacaguay

O Club Naval, está promovendo assignaturas de toda a officialidade da armada, obstando a reforma solicitada por este illustre e benemerito brasileiro.
 Infelizmente para a princeza imperial, a perspectiva do terceiro reinado, tem por horizonte estas e outras manifestações de desgosto, daquelles que são os esteios das instituições.

Bandalheira policial

Innocencio de Mello Franco e Pedro Machado, que foram com Pacú arrombar a casa de uns italianos no Bairro do Cambucy, e ameaçaram os mesmos italianos com armas de fogo, e fizeram outras tropelias a titulo de pegar pretos fugidos, ainda são conservados como guardas urbanos!!
 Temos reclamado a expulsão d'esses clamamos no deserto.
 Parece que de proposito são conservados esses individuos, para descredito da companhia de urbanos.
 Dizem que um jornalista italiano anda por esta provincia a examinar colonias e colonos, mas julgamos que esse senhor é cego, porque senão tinha lido as constantes reclamações que fazemos pel'inda a punição de Innocencio de Mello Franco, e Pedro Machado guarda urbanos, que infringindo as leis do paiz foram alta noite arrombar casas a procura de pretos fugidos.

A consciencia e o escravagismo

O' vós, que pretendeis ainda harmonizar duas cousas heterogeneas e completamente oppostas — escravidão e consciencia, desenganai-vos, porque é absolutamente impossivel!
 Dizer-se: «Tenho escravos, sou escravocrata, a lei me falcuta e por isso mesmo obro de accordo com a minha consciencia, sou catholico, apostolico romano, tenho como base da religião christã, a sublime virtude da caridade!»
 E' cousa inqualificavel ou para melhor dizer, absurdo completo!
 Onde estão, pois, as bases da vossa religião? Onde está a sublime virtude da caridade, da qual fallaes?
 Não sabeis o que é caridade, ou nunca vos deste ao trabalho de folhear o grande livro da natureza e sobre elle meditar alguns instantes.
 Livres somos nós, livres são as andorinhas que recortam os ares, livre é o Amazonas que soberbo, arca-se com o proprio oceano, livre emfim é toda a natureza!
 Pois bem, se assim é, para que então havemos de consentir que só essa desventurada raça preta seja subjugada e contra todas as leis da natureza, escravizada pela raça branca?
 Não devemos proceder por essa forma mas sim, devemos mostrar que seguimos as doutrinas do Martyr do Golgotha, que fazemos aos outros, aquillo mesmo que desejariamos se nos fizessem em identicas circumstancias.
 Devemos também mostrar que temos uma consciencia pura que nos rege, cooperando com todas as forças, para a realisação sacrosanta da grande obra—da redempção dos captivos!

Au Bon Diable

Enxovaes completos para collegiaes

Rua Direita, 49

SINITE PARVULUS VENIRE AD ME

AU BON DIABLE

Rayon especial de roupinhas para creanças

Sortimento colossal=UNICA DA PROVINCIA=Preços da importação

Au Bon Diable

Camisas, ceroulas e meias para creanças

Rua Direita, 49

Parece-me que é faltar os sentimentos humanitarios a quem for de encontro a estes principios. Ou sou consciencioso e n'esse caso me repugna o escravagismo, ou sou escravocrata e n'essa hypothese, não se pode admitir a consciencia.

Acrisio Araujo.

Mã rez

O illustre philologo Julio Ribeiro, que é um terrivel caiphaç em negocios grammaticaes, vem pelo *Diario Mercantil*, de sexta feira explicando a differença que existe entre o J e o I romano.

Gostamos da historia.

Julio Ribeiro, aproveitou a occasião para citar alguns latinorios, porque desejava que o Marquez de Trez Rios, que é versado na lingua vernacula, tambem lesse seu artigo.

A questão ficou elucidada; mas Julio Ribeiro aproveitou mais uma vez a mesma occasião para dar umas terriveis narigadas naquella *official de missas*, o qual, sem ter capacidade para cousa alguma, metteu-se a bulliculário.

Este Julio Ribeiro é um provocador.

Que tinha o Julio Ribeiro, com essa questão de latinorios, para vir armado de um pau de lenha descadeirar ainda mais a pobre besta já tão carregado com tamanha cangalha á que o rvd. Senna Freitas dá o nome de *Aborto*.

E' mal feito dar em defuntos. Alem de tudo nós que sempre pensamos que aquelle revdm. era simplesmente uma besta... vem o sr. Julio Ribeiro dizendo que é vacca. &c.

A questão, po-ta nesse terreno nos obriga a estudos minuciosos para chegarmos a conhecer si o sujeito é mesmo...

Esta these teremos de desenvolvê-la no numero seguinte e então procuraremos em nosso artigo fazer citação de todos os escriptores veterinaarios, sobre tal assumpto.

A Escravidão

Compulsando a historia dos povos antigos confrange-se-nos o coração, e a nossa alma se intristece na contemplação do modo barbaro com que se flagelava a creatura humana, que, por sua desdita, o direito da força, da violencia, a reduzia ao captivo.

Da China, Athenas, Scythia, Roma etc., a sua historia narra factos horrosos, que faz-nos duvidar da sua existencia, na qual queremos acreditar, por dizerem os historiadores

Na China os escravos tinham sua origem na miseria e na guerra; e éram marcados á fogo.

Em Athenas amputavão o dedo pollegar do escravizado para que não pudesse manejar a lança, mas não ficava impossibilitado de prestar outros serviços, como o de remar

Na Scythia arrancavão-lhes os olhos para impedir-lhes a fuga.

Em Roma, por causa da da abundancia de escravos, vindos de Portugal, Hespanha etc., si os convertia em gladiadores, ou se os atirava ás fêras, nos amphitheatros, afim de serem estrangulados.

Em outros paizes os escravos erão queimados vivos, por divertimento ou castigo!

A escravidão pois quer dizer,—a perda de todos os bons sentimentos; ella avilta até os proprios possuidores: ella trouxe como consequencia o aviltamento do trabalho.

Trabalho, diz Aristoteles, a que um homem livre não pôde entregar-se sem perda de dignidade.

«Não se pôde estar em uma officina, disse Cicero, e ser homem de consideração»

No paiz, que se alimenta em seu seio tão degradante instituição, os sentimentos, os pensamentos, se seus cidadãos são transviados da justiça, da moral, da religião e de todos os deveres de patriotismo, por isso mesmo que elles não respirão senão uma atmosphera carregada de densos elementos deletérios, originados pelo maldicto captiveiro.

Trasendo estes ligeiros traços historicos sobre a escravidão, em outros paizes, no Brazil não se encontra, é verdade, na sua legislação taes exemplos de crueldade, contudo não é menos certo que, de outro genero, conhecemos nos costumes muitos factos vergonhosos, que fariam córar um povo, dotado de nobres sentimentos.

Nas fazendas de cultura de café, cumpre confessar, por ser verdade, são infligidos castigos taes, ao ponto de cahirem em pedaços as carnes do corpo dos pobres captivos!

O tronco, o vira-mundo e outros instrumentos de tortura, são empregados como castigo, muitas vezes por insignificantes faltas!

Prestando-se attenção aos soffrimentos de uma parte da humanidade, ainda que fesse de um só dos seus membros, corre o dever da sociedade ir em seu auxilio, afim de libertal-o do martyrio.

A sociedade foi constituída e organizada para mutuo soccorro de seus membros.

Todos têm a obrigação de proteger o seu semelhante; e que maior protecção merece alguem, do que aquelle que soffre um tão grande vexame, qual o da privação da sua liberdade!

O captiveiro é uma monstruosidade, que deve ser estirpado da face da terra, embora soffra alguns a privação do gozo do seu trabalho.

Fiat justitia et percat mundus.

TANHO.

S. Paulo, 12 de Outubro de 1887

A molestia do Imperador

O sr. Barão de Cotegeipe negou-se a responder á interpegação Nabuco

A resolução é inconstitucional e agrava a responsabilidade do regencia, na comprehensão que na mais de um mez, conserva mutilado o ministerio, estando abertas as camaras.

E' um facto gravissimo e que assignala a existencia do poder pessoal.

O Instituto dos advogados brasileiros e a escravidão

O Instituto dos Advogados Brasileiros, visto o relatório de 1 de Setembro deste anno, formulado pelo dr. José da Silva Costa, cujas idéas adopta; visto a discussão havida nas sessões de 22 e 24 do corrente; visto a opinião predominante manifestada pela votação que teve lugar na ultima das alludidas sessões.

RESOLVE

1º que não existem escravos no Brazil, mas estado livres, depende, sob pena de *immediata e insanavel* nullidade, de ser feita a matricula com os precisos requisitos, entre os quaes:

a) o de ser *exhibida procuração* quando requerida a matricula por procurador.

b) o de ser *expressamente declarada* a filiação.

3º Que os estado livres não podem ser vendidos nem ser objecto de outro qualquer contrato—gratuito e oneroso, principal ou accessorio, nem tambem de quasi contrato.

4º Que adquirem bens e os transmittem por titulo hereditario.

5º Que contratam com terceiro a prestação de serviços para indemnisação daquella a quem os deva, prestado o competente assentimento.

6º Que contraem nupcias livremente.

7º Que não exercem a profissão mercantil nem *munus* ou função civil, politica ou administractiva, porque os respectivos direitos, obrigações e onus envolvem incompatibilidade de facto com a prestação dos serviços a que são obrigados.

8º Que perante a Jurisdicção criminal; respondem pelas accões ou omisões voluntarias contrarias ás leis penaes que praticarem livres das excepções odiosas referentes ao extinto estado de escravidão (art. 14 § 6 do cod. crim.); e como autor por elle funciona o promotor publico ou qualquer do povo.

9º Que perante a jurisdicção civil li-

tiga sob curatela official *propter fortuna injuriam*.

10 Que na instrução dos processos, a que são alheios, podem officiar como testemunha e peritos, salva a contradicta, a contestação e a suspeição que lhe podem ser opposta na fórma da legislação vigente.

PROPAGANDA ABOLICIONISTA

Scena de fazenda

O barão era um rico fazendeiro:

Quatrocentos escravos possuía

E outros tantos contecos em dinheiro

N'um banco inglez bom juro lhe rendia.

Tinha duas fazendas muito extensas

Da paulista provincia no interior,

Aonde havia plantações extensas

De boa canna e de café melhor.

Ora o nosso barão tinha uma filha,

Que ás manhãs todas tinha por costume

Ir a horta colher alguma hervilha

Ou qualquer outra especie de legume

Pr'a o almoco ás dez horas,

Porque o barão gostava de verdnras.

Da horta do fundo havia um pé de amoras

(Que nesse tempo estavam já maduras)

E junto delle havia um hervilha.

E a filha do barão

Em certa occasião,

Foi uma vez ao fundo do quintal

Para hervilhas colher, de manhã cedo,

D'uma joven escrava acompanhada,

Por causa não do luxo, mas do medo,

Porque ella muitissimo nervosa.

Iam as duas muito distrahidas.

Do quintal pela estrada tortuosa

Em conversa agradável entretidas

Quando da filha do barão ao pé

Uma cobra saltou. A nossa bella

Nervosa como é

E sem saber como sair d'aquella,

Ficou completamente atalhada

E p'isso

A escrava então correu muito apressada,

Trouxe um grosso cipó com que matou

A cobra. Nisto chega o fazendeiro

E pergunta o que é. Contam-lhe tudo.

Elle fica espantado e o seu quinteiro

Manda chamar e diz com gesto rudo

Quando este chega diz-me, João,

Como é que isto acontece? Porque deixas

Entrar cobras aqui. *cara de cão?*

Vai já chamar o Seixas

O preto obedeceu. Chega o feitor,

Que era o tal Seixas, e o senhor barão

Pede-lhe por favor

Que mande dar no besta do João,

Para ensinál-o a ser mais cuidadoso

Com as coisas que estão-lhe confiadas

E com ellas ser mais escrupulosos

Umás com ou duzentas chicotadas

XAVIER DE CASTRO.

SECÇÃO ESPECIAL

Chronica de annos

Faz annos o portuguez Poyares, por ser escravocrata e pegar uma mulata, até que se liquida e ea preta que foi vendida para o Amparo.

Faz annos o Paulo José da Costa, por fazer de sua casa xadres de prender mulatas fugidas.

Faz annos no Espirito Sancto do Píthul, o Abel dos Santos por dar liberdade condicional a uma preta que não fura matriculada—ficando bigodeado por ter vindo em soccorro da infeliz o advogado Moraes Pessoa.

Na mesma cidade, faz annos o capitão do matto Apaticiano por andar procurando Amelia de Cambuy.

Na mesma cidade, faz annos o Luiz Carapina, por ter comprado uma ingenua por 150\$000, ficando obrigado a fazer annos a pessoa que lhe vendeu a ingenua assim que soubermos.

Tambem faz annos na mesma cidade o José Romualdo por tratar muito bem a seus escravos tanto assim que todos estão gordos de comerem carne de porco.

No Tieté faz annos Antonio José, Corrêa, que tem 7 africanos importados depois da lei como escravos.

No mesmo lugar dia e hora ventando,

clovendo, fazendo sol, ou serenando, faz annos Antonio Alves Pereira, por ter 50 escravos com filiação desconhecida.

Por semelhança de nome faz annos n'esta capital o Bentinho das loterias, escravocrata de birra e muito devoto do Santissimo.

Em Caçapava, faz annos José Monteiro, que dá bollos em homens livres.

Faz annos, no mesmo lugar, o Zé Venancio e o capitão do matto Virgilio, por andarem pelas mattas a conduzir escravos, para serem castigados.

Faz annos, no mesmo lugar, o Ferreirra adomador de escravos, até que alguém o mande para o inferno, para fazer lá annos outra vez

Faz annos, no mesmo lugar, o dr. Mello Peixoto, por mandar uma mulher branca que é sua escrava, para ser castigada em a fazenda de um tal Teixeira.

Faz annos, em Caçapava, os soldaos do corpo policial ali destacados, que em falta de bebados na cidade, elles mesmos embriagam se e dormem no xadrez.

Para encher esta tira, faz annos, o guarda urbano Silvestre Romualdo, capitão do matto e freguez das tabernas.

O Zé Batata, faz annos, nesta capital, enquanto aqui estiver e fará annos, no Amparo, até que liberte os escravos.

Faz annos, em Campinas, Armando Soares de Abreu Caiuby, por ter assignado a manifestação feita ao capitão Bumbum.

No mesmo lugar tambem faz annos, pelo mesmo motivo, mas se ventar, Antonio Benedicto de Moraes Teixeira.

Faz annos, no mesmo lugar e por egual motivo, o supra declarado, do que damos fé Mané Ribas da villa.

Comendo ou em jejum, fará annos, na mesma cidade, por igual motivo, uma hora d'pois de chegar a «Redempção», Bernardino José de Arruda, ficando esperada o Antonio Egydio de S. Aranha para o numero seguinte por acabar esta tira.

Faz annos, em Tatuhy, Mané Guedes, ficando os commentarios enviados, archivados, até serem resumidos.

Faz annos, em Campinas, o sobrinho do Santo Antonio, que mandou castigar a escrava Ballema, quando carregava uma criança que tambem foi castigada, ficando esperados os commentarios da Regional para o numero seguinte.

Faz anno, em Campinas, o Damazo (ora bolas) Xavier da Silva, até que liquida com a camara o negocio dos tijollos.

Faz annos, na mesma cidade, o subdelegado Luiz da Fonseca, pelos relevantes serviços que faz a justiça publica assistindo os espectaculos no camarote da policia.

Faz annos, no Rio Claro, o banqueiro Teixeira das Neves, por ter muito geito

para mestre-escola, porque sabe mandar jar a palmatoria até em ingenuos.

D. Barbara da Motta Braga tambem tem de fazer annos, se não largar do tigo de fogo e da palmatoria, instrumentos perigosos em sua casa.

O João de Góes, no Rio Claro, fará annos, se continuar a dar denuncias de pretos fugidos.

No mesmo lugar, Francisco Diogo faz annos, por ser capitão do matto.

Faz annos, no mesmo lugar, Pedro de Go'oy Barboza, ficando esperada a quantia de 400\$000 do wagon para fazer annos, no numero seguinte.

Faz annos, o grande rezador José Luiz Borges, até que trate bem seus escravos. Ave Maria e Gloria Pater.

Faz annos, o ilhéu João Chrysostomo, que dizendo-se abolicionista anda por Santa Izabel pegando escravos.

Fica esperada o Caiara, até explicar a santidade do conejo An-lrade.

Faz annos, a alma de Antonião, por não ter conseguido lá no outro mundo vingança do sangue que seu algoz fez derramar neste.

Faz annos, em José dos Campos, o capitão Antonio Domingues, abolicionista com escravos.

Em Arribaia, faz annos, o Chico do Taboão, ficando as nunhecas do Castro Camão, para fazer annos, quando der outra esfrega.

Em Bragança, faz annos, o nariz do Chico Trista, para acabar esta tira.

SECÇÃO PARTICULAR

Jacarehy

A POLITICA ACTUAL E OS POLITICOS INDEFINIDOS

Consta nos que o chefe conservador para melhor enumerar os perseguidores dos abolicionistas ou por outra os liberaes semi-conservadores que perseguem os de convicção, vae dar um lugar a cada um no frontespicio da cadea nova para celebrar as caricaturas, devendo trazer cada um seu emblema significativo na parte que cada um representar na comedia intitulada: Perseguição. Recommendamos ao escultor dessa obra que não inverta as estatuas em figuras exóticas.

Um abolicionista.

UMA ESMOLA

O pobre morphético Joaquim Cecilio de Almeida, natural de Juquery, casado, com filhos pequenos, vio-se na dura necessidade de residir no hospital de Lazaros com o intuito de tomar remedios

Necessitando de dinheiro para roupa, leite e medicamentos essenciaes, estende a mão e supplica uma esmola em nome de Christo á toda a população de S. Paulo.

OS LATIFUNDIOS

POEMA ABOLICIONISTA

DE

Hippolyto da Silva

Vende-se na livraria Paulista de Teixeira & Irmão, rua de S Bento, 26 A.

1 volume de mais de 100 paginas 1\$500

Em Campinas, na livraria de Alfredo Genoud. Em Santos, na Casa Ypiranga. E nas melhores livrarias da Côte.

7\$000

Capas de lã modernas para o frio.

15\$000

Capas de merinó preto, muito enfeitadas.

15\$000

Waterproofs de lã, modernos.

25\$000

Waterproofs de casemira em todas as côres e padrões.

30\$000

Vestidos de zephir, feitos pelos ultimos figurinos

40\$000

Vestidos de lã e merinós pretos ou de côres, enfeitados com rendas, vidrilhos etc., na grande officina de costuras e confecções

LA SAISON

Travessa do Grande Hotel, 2

Drogaria Central

É o primeiro estabelecimento de drogas da provincia.

Fornecer aos srs. pharmaceuticos: drogas, utensilios, vasilhames e tudo quanto é preciso para uma boa pharmacia, em condições tão boas ou MELHORES que na Côte.

Tem sempre grande deposito de iodeto de potassio, bromureto de potassio, ou'phato de quinina etc..

Rua de S. Bento, 44

Martins, Labre & Comp.

THEATRO DO POVO

A NOIVA DE SESSENTA ANNOS

COMEDIA EM 3 ACTOS

Vende-se á rua da Imperatriz, 31

CHALET, MASCOTTE

Grande

foi o sortimento de calçados que da Corte trouxe agora o proprietario do Guarany

De entre a enorme variedade especial lisaremos os seguintes e afamados autores: CLARK, para homem e senhoras BOSTOK, idem; POLLAK VENCEDOR; idem; e muitos outros, vende-se tudo com grande redução de preços, por ter annunciante feito grandes e vantajosas compras.

AO GUARANY

42—RUA DA IMPERATRIZ—42

AO ESPELHO DA VERDADE

52--Rua de S. Bento--52

S. PAULO

URIOSTE, PEREIRA & COMP.

Importação directa dos melhores fabricantes

Primeiro estabelecimento da provincia neste ramo de negocio

Grande deposito de papeis pintados nacionaes e estrangeiros, vidros de todas as qualidades, espelhos, gravuras, molduras, quadros, tapetes e oleados. Aprompta-se qualquer encommenda com esmero e promptidão.

PREÇOS MODICOS

IMPERIAL LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

Este importante estabelecimento, recebeu um variadissimo sortimento de calçados finos para homens, senhoras e crianças. Continúa a ser o unico depositario dos calçados **Clark & Comp.**; tem a melhor fabrica de calçados desta capital.

Imperial Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

A PRINCEZA DO NORTE

9--RUA DIREITA--9

ANTIGA MASCOTTE

DIAS LEAL & FILHOS

têm a subida honra de participar ao respeitavel e illustrado publico desta briosa capital, bem como às exmas. familias do interior, que abriram um importante estabelecimento de fazendas de lei e de phantasia, armarinho, modas, etc., etc.

Tudo novo! Magnifico! Deslumbrante!

A concurrencia de preços, bem como a especialidade rara no nosso **Enorme sortimento**, habilita-nos a vender qualquer artigo concernente ao nosso vasto negocio por menos do que poderá ser vendido em outra qualquer parte.

A PRINCEZA DO NORTE

é sem a menor contestação o estabelecimento mais importante no seu genero, nesta cidade; e, sendo já assás conhecidos os seus proprietarios, esperam merecer o valioso concurso das respeitabilissimas familias em geral.

GRANDE VARIEDADE

do quôa de melhor em cretones, chitas, morins, brins, flannels, chales, fichús, rendas, lãs, popelines, nanzoucks, botões, galões de phantasia, algodões colchas e cobertores. Desde o seu começo esta casa vae encetar o seu systema de vender por preços incriveis e inimitaveis l...

A PRINCEZA DO NORTE

ANTIGA MASCOTTE

QUASI EM FRENTE AO ZUAYO

9, RUA DIREITA

RUA DIREITA, 9